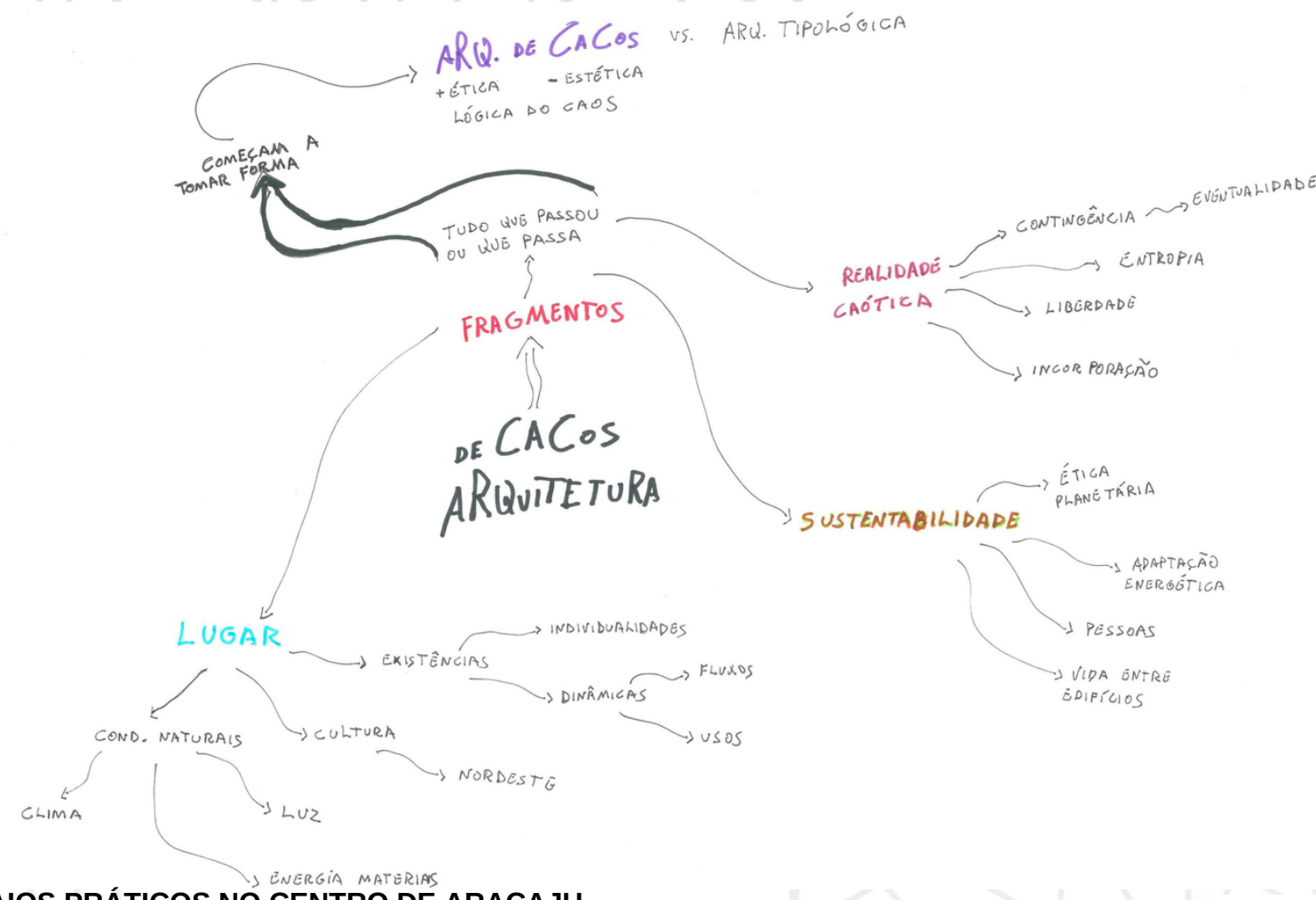


ARQUITETURA DE CACOS

ENSAIO TEÓRICO E PRÁTICO SOBRE A SUPERAÇÃO DA IDEIA DE TIPOLOGIA NA ARQUITETURA.



ENSAIOS PRÁTICOS NO CENTRO DE ARACAJU

Hannah Arendt, em A Condição Humana, já citada na segunda parte deste trabalho, situou a arquitetura no campo da fabricação, do trabalho. Talvez seja pelo motivo de que a arquitetura tenha trilhado caminhos mais próximos da estética e mais distantes da ética; mais próximos da dualidade forma-função, e cada vez mais distantes da capacidade de abrigar a condição humana de ação. Montaner (2017) no entanto, interpreta a arquitetura como ação na polis, na medida em que pode se tratar de um trabalho intelectual, experimental e criativo.

Guy Debord e a Internacional Situacionista, 1957, compartilhavam a proposta de um comportamento experimental e a vontade de um urbanismo unitário e não zoneado manifestando isso especialmente no mecanismo da "deriva" que, para Montaner, 2017, é a expressão máxima de criar situações.

Andar sem rumo, renunciando durante um tempo, mais ou menos longo, os motivos para deslocar-se na cidade ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, deixando-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde, compondo, dessa maneira, um desdobramento

prático de apreensão psicológica e geográfica do lugar. O Centro de Aracaju - para a grande maioria dos habitantes da cidade - é um lugar estritamente comercial e institucional, que não possui nenhum outro motivo para ser visitado se não o de ir fazer umas compras ou resolver algumas pendências, comuns na vida de qualquer pessoa, e que só podem ser resolvidas por lá. Então não tem outro jeito a não ser deslocar-se para lá, realizar atividades necessárias e específicas, e voltar para casa.

Essa é a expressão corporal que segue uma lógica normativa e racional e fecha a ação no espaço urbano à troca de experiências e às possibilidades de construção ou desconstrução de relações. Talvez o preconceito de que o centro seja um lugar para se realizar apenas atividades necessárias venha da nossa escolha de percebê-lo dessa maneira antes mesmo de lançarmos nossos corpos nos seus espaços de maneira descompromissada, errante e desnecessária. Pois bem, algumas práticas de exploração do centro de Aracaju foram realizadas de acordo com o mecanismo da Deriva em diferentes dias, horários, muitas vezes em momentos não programados que passaram de atividade necessária para uma completa

entrega às andanças e aventuras inesperadas. Nessas errâncias, foi descoberto que o Centro de Aracaju, antes de tudo, é um lugar de muitas possibilidades e oportunidades e, por isso, atrai pessoas de diversos lugares, com diversas intensões, necessidades e comportamentos. A passagem e a transitoriedade são grandes marcas na sua essência, mas as crônicas relações entre as pessoas que vivem o centro cotidianamente em busca de recursos que garantam o seus sustentos, criam uma comunidade coesa e plenamente ativa. A partir daí, percebe-se imediatamente que o Centro de Aracaju não é apenas um espaço de passagens necessárias totalmente dependente do comércio das lojas, mas sim um espaço para as pessoas, e são suas ruas, calçadas e praças, que impulsionam a sua vitalidade; é quando se está nelas que pode ser sentido e observado o "milagre da ação".

Ao contrário de espaços comerciais bem definidos, fechados, segurados, excludentes por convidarem apenas sujeitos normativos com um mínimo poder aquisitivo, o Centro é aberto a todos: aos trabalhadores e aos pedintes, aos animais, aos lojistas e aos camelôs, feirantes e ambulantes, aos flanelinhas, às prostitutas, aos catadores de lixo e moradores de rua, e a quem mais se interessar em percorrer e utilizar o seu espaço. Talvez seja dessa diversidade que emane tanta vitalidade e tanta riqueza de possibilidades: momentos e experiências inesperadas ocorrem a todo momento; há sempre a possibilidade de sermos surpreendidos ou de descobrirmos algo no campo inconstante do centro de Aracaju, que está sempre se chocando e criando novas relações, novas dinâmicas, novos espaços, novos estímulos, novas percepções e novos aprendizados.



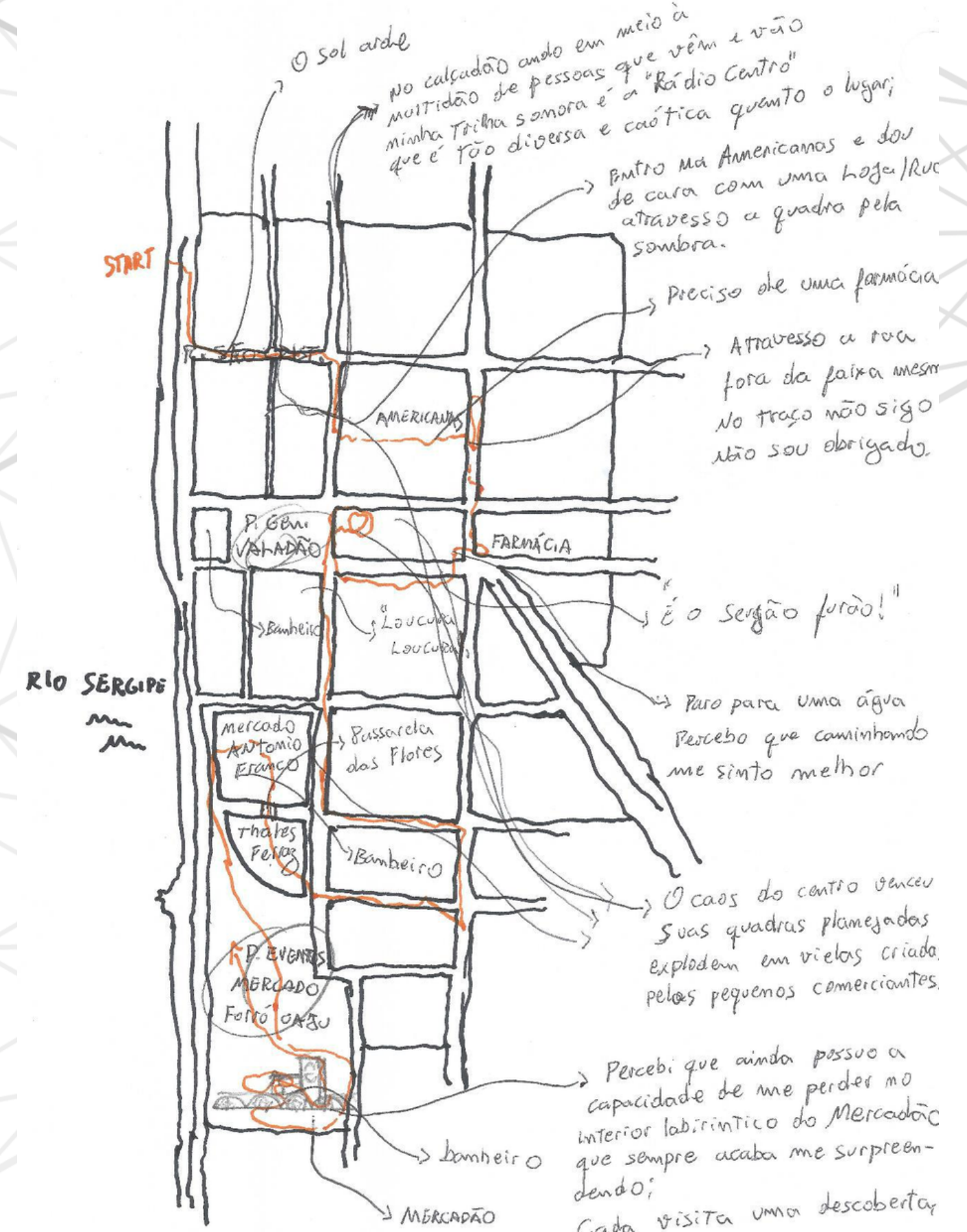
Jan Gehl em seu artigo A vida entre edifícios escreve sobre os dias comuns, em ruas comuns; sobre a vida que acontece através de pessoas que passam nas calçadas ou que permanecem nas portas das casas, grupos que participam de conversas ou que trabalham ao ar livre. O autor fala ainda que essa variedade de atividades é influenciada por várias condições impostas pelo ambiente físico, construído, e categoriza essas atividades em três tipos distintos:

Atividades Necessárias

São aquelas que são mais ou menos obrigatórias: ir ao trabalho ou à escola, fazer compras, esperar o ônibus ou uma pessoa, resolver tarefas, entregar correspondências, etc. Ou seja, todas as atividades em que os envolvidos são praticamente obrigados a participar.

Atividades Opcionais

São atividades efetuadas por participantes movidos apenas pelo desejo de participar e se o tempo e o lugar fornecerem condições possíveis delas acontecerem. Segundo Gehl,



atividades opcionais podem ser uma caminhada para respirar um pouco ou para aproveitar a vida ou sentar-se para um banho de sol, por exemplo.

Atividades Sociais

Essas, por sua vez, para Gehl, são todas as atividades que dependem da presença de outras pessoas em espaços públicos; incluem brincadeiras de crianças, conversas e encontros, atividades coletivas de diversas maneiras. Essas atividades podem ocorrer em vários lugares como moradias, edifícios públicos, parques, praças e até mesmo em espaços privados. No entanto, para o presente trabalho, será dada maior importância para aquelas feitas no espaço público.



QLGRCGBNFY